

Daniela Vicentini
portfólio

agosto 2020

V A I
V B M
V C R

Desde 2009, tenho realizado minhas pequenas expedições e observado o vir a ser das plantas e das cores nos céus e nas coisas de nosso entorno, me conectando com os ritmos da natureza e procurando iniciar um processo de autopercepção alimentado por esses contatos - indagando-me, procurando conectar-me numa ação repetida de ir e vir, numa busca incessante e intranquila de desvelamentos - da intranquilidade da planta no seu vir a ser.

Muitos dos trabalhos a seguir foram feitos por observação no lugar, em vários dias, por alguns meses.

Há também aquarelas feitas no ateliê, serigrafias caseiras e pinturas com lã de carneiro. De algum jeito, procuro metamorfoses e as passagens entre um corpo e outro, vapores, o vir a ser das cores e das formas.

Desde 2016, tenho feito encontros com pessoas como uma proposição artística, elas incluem caminhadas, exercícios de percepção e conversas, com base num deslocamento de saberes entre a terapia artística antroposófica e a arte contemporânea.



sem título, «da série dunas”, aquarela sobre papel, 90x200 cm (30x40cm,cada), 2012.

"Nas dunas (detalhe)", aquarela sobre papel, 30x40 cm, 2012.



"Nas dunas (detalhe)", aquarela sobre papel, 30x40 cm, 2012.





Sem título, da série dunas, aquarela sobre papel Arches, 32x24 cm cada, 2015.





"dois dias", aquarela sobre papel, 47 x 23 cm cada 2016.



"Estudos de céu e mar", aquarela sobre papel, 50x36 cm cada, 2012/13.





nuvem, lã pura, 30x25x12cm aprox, 2014.



estudo de água I, aquarela sobre papel, 18x26 cm, 2014



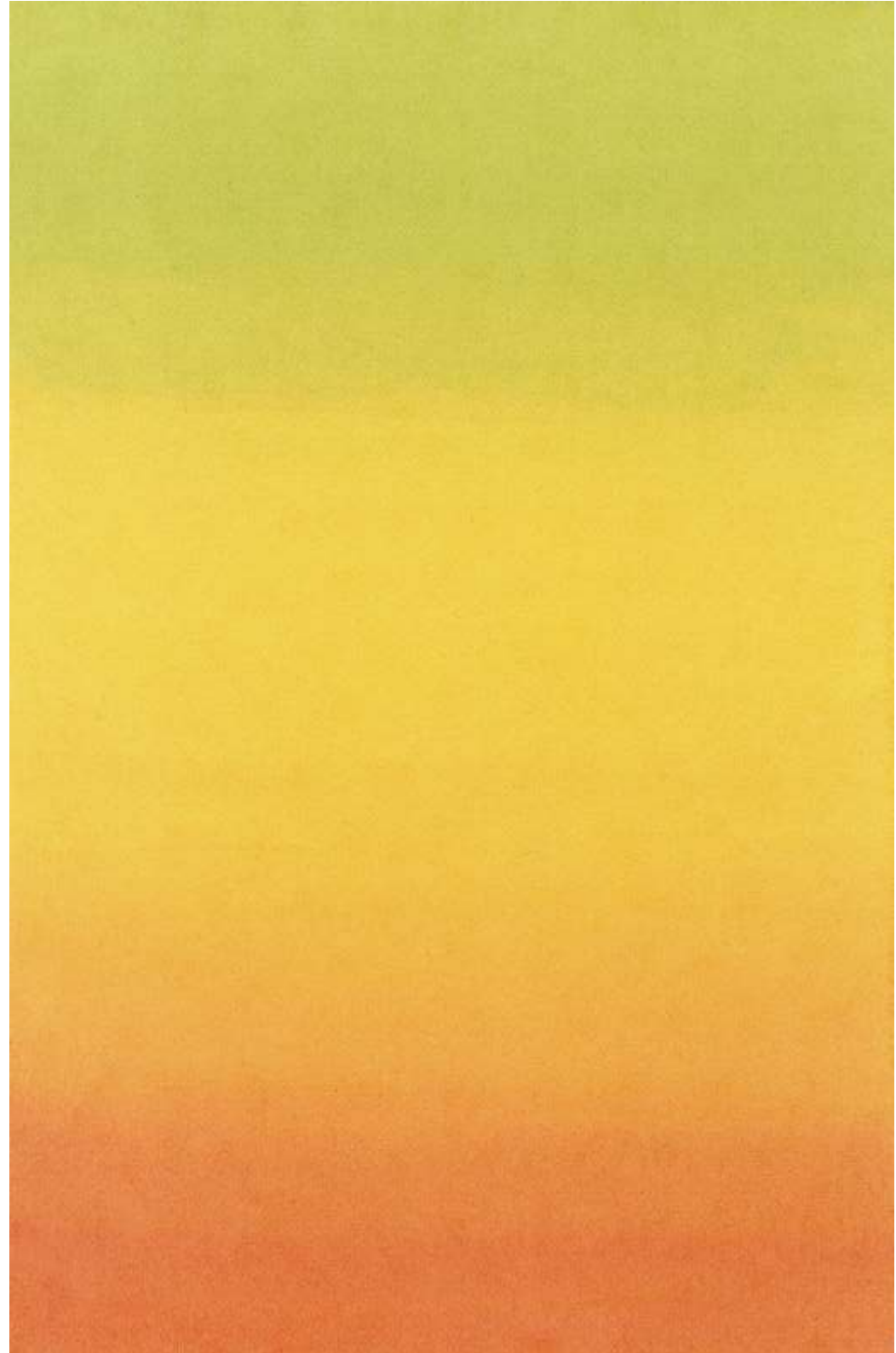
Exposição M ar. Centro Cultural Badesc
31 de julho a 21 de agosto 2014

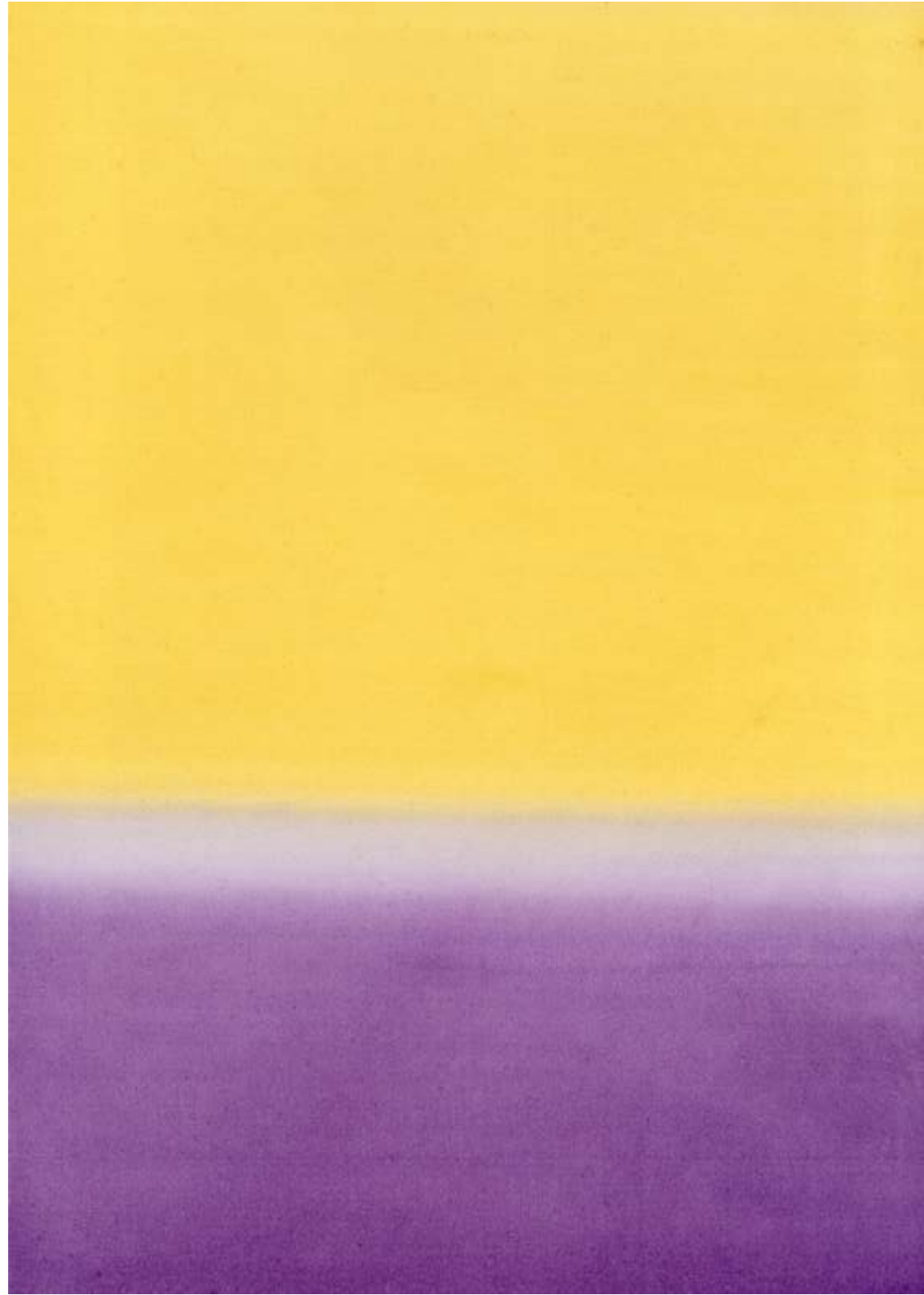


© UV studio

Exposição «Vai, vem, ver». Museu da Gravura, Solar do Barão. Curitiba, PR, março a maio de 2015.

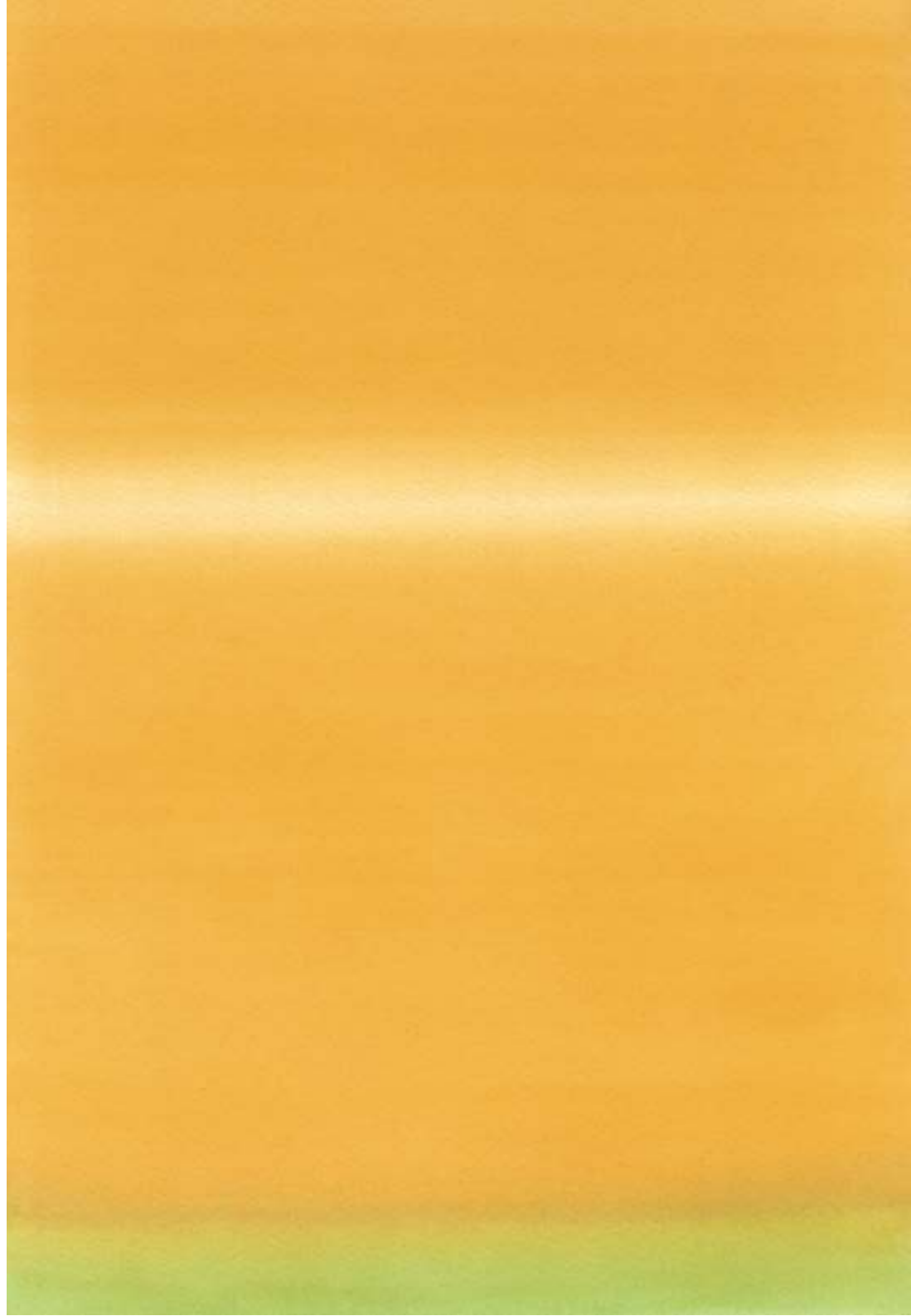
Manga 1, da série «horta, feira e jardim»,
aquarela sobre papel, cm 17,5 x 18,5 2018.





Tumbergia, da série «horta, feira e jardim», aquarela sobre papel, 33x27cm , 2018

Limão rosa, da série «horta, feira e jardim», aquarela sobre papel, 33x27 cm , 2018.



Você tem o hábito de caminhar?
Você gosta de caminhar?
Você caminha porque faz bem à saúde?
Você caminha para ir ao mercado?
Você caminha ouvindo música?
Você caminha conversando?
Você caminha para acalmar ou avivar os pensamentos?
Você caminha para se conectar com o mundo?
Você caminha para ouvir seus pensamentos?
Você caminha para meditar ou rezar?
Você caminha para se defrontar com o desconhecido?



Meditação (oriunda do budismo tibetano) serigrafia, 30x30, 2020

Caminhar

Focar em como os pés tocam o chão

Perceber o pensamento e deixá-lo ir

Voltar o foco para o toque da planta dos pés no chão

Deixar o pensamento ir

Caminhar



Vista da exposição Tudo aquilo que não foi dito. Curadoria Elisa Queiróz. MESC, FIK, fevereiro 2020. Em primeiro plano, obra sem título, da série Por que você caminha? Cera de abelha, impressão vegetal sobre papel, madeira, 27x 27 cm, 2019 (colaboração Raiz design).



sem título, da série Por que você caminha? aquarela e lã de carneiro, 29x40 cm



sem título, da série Por que você caminha? aquarela e lã de carneiro, 24x15 cm 2018/19 -



distâncias 1, da série paisagens que derretem, 2019, aquarela sobre papel, 18x26 cm





Paisagem na arte. edição Escola Aberta Navegar, 2016

Foram 12 encontros de caminhadas, realização de desenhos e pinturas e estudo de história da arte



paisagem na arte, edição Museu Victor Meirelles, 2017

4 manhãs de duração, desenho, pintura, observação e estudo de história da arte

2 Como sou natureza?

No dia 3 de outubro de 2019, Manika Bebhinn Ramnsay e eu organizamos uma vivência de uma caminhada de 3 quilômetros e exercícios de percepção, na Costa da Lagoa, em Florianópolis, intitulada "Como sou natureza?". Era uma quinta-feira, de manhã. Com a seca acometendo todo o país nos últimos meses, uma chuva, menos intensa do que a desejada, nublava o céu e não fez desistir 8 das 15 pessoas que tinham se inscrito.



Ilustração 7. Caminhada na Costa da Lagoa, em 3 de outubro de 2019.

42

Palíndromo, v. 12, n. 26, p. 42-50, jan - abr 2020

Daniela Vicentini

PALÍNDROMO

Bromélias: Exercícios de percepção da natureza com base em estudos de Goethe e Hölzinger

As pessoas se inscreveram num site, por ocasião de uma comemoração que ocorreu em todo o Brasil, intitulada "Viva Goethe". Nosso percurso foi o de caminhar do Canto dos Araçás, do ponto 3, do barco, até o ponto 7, rumo ao bairro Costa da Lagoa, em Florianópolis, tão cheio de folclore e histórias fantásticas, cujo acesso se dá somente por trilha ou por barco, até o espaço "Morpho Azul".

Os estudos científicos de Goethe são pouco citados, ainda que sejam fundamentais para sua obra literária. Linco foi importante para sua pesquisa, mas, diferentemente do trabalho de classificar e diferenciar do célebre botânico, Goethe quer entender o que une, o que faz uma planta ser planta, a forma tipo, a força interna dos organismos. Ao arrancar uma planta, instantaneamente, falta-lhe algo: a vida. Lemos sua poesia:

Achado
Eu andava pelo bosque,
E por nada procurava,
Sem caminho, sem sentido,
Quando à sombra então eu vi
Como estrelas a brilhar
Uma pequenina flor.
Calvante, aquele olhar:
Quando então eu quis colhê-la
Me deu ela, doce e fina:
Mas por que quebrar-me a haste!
Minha vida assim termina!
Com raízes ínfimas
Eu me puxo a arrancar
À plantinha, que levei
Ao jardim de um lindo lar
Em plantá-la novamente
Num lugar tão sossegado,
Ali crescem novos ramos
E há flor pra todo lado.

(GOETHE, apud ERTHAL, 2013, p. 84)

A ciência de Goethe é uma ciência da vida. Não aquela que diseca, classifica e separa. E considera apenas a estrutura física dos organismos. Se eu arranco a planta, falta-lhe algo. O processo de conhecimento acontece quando o sujeito se coloca à disposição para conversar ativamente com outro ser, com plena atenção nos pensamentos que o acometem. O pensamento vivo ocorre numa conversação contínua entre sujeito e fenômeno da sua percepção – uma fenomenologia.

Demos uma instrução para a caminhada. Em silêncio: observar como se as coisas não tivessem nome, ou, dito de outra forma, como se o mundo estivesse sendo visto como que pela primeira vez. Chegamos ao nosso destino, o espaço de cultura "Morpho Azul". Trocamos nossas impressões ao redor de uma mesa bem servida. Trago um dos relatos de um homem que, inicialmente, achou não ter entrado na proposta. Ele trouxe a lembrança da feição do rosto de seu filho quando bebê, brilho dos olhos, gesto das mãos ao sentir o vento, a expressão de maravilhamento – de sentir e ver o mundo como pela primeira vez, como se as coisas não tivessem nome. Não é isto o que queremos? Estarmos no mundo como se pudéssemos recriá-lo em nós a cada instante?

Daniela Vicentini

Palíndromo, v. 12, n. 26, p. 43-50, jan - abr 2020

Bromélias: Exercícios de percepção da natureza com base em estudos de Goethe e Hölzinger

PALÍNDROMO

Dividimo-nos em dois grupos, um a ser conduzido pela Manika e o outro por mim. Cada grupo deveria escolher uma planta do jardim ou, como se isto fosse possível, se deixar ser escolhido por ela. Como a chuva ameaçava voltar, ficamos protegidos na varanda e beiral da casa. Sobre uma rocha, numa comunidade de bromélias, dirigimos nossa atenção para a que florescia. Pedimos a cada pessoa que anotasse a primeira impressão que teve da planta. Começou a chover.

A instrução, dada em quatro passos, foi seguida por cada participante a seu tempo, em silêncio. O primeiro passo, uma descrição o mais exata possível, em desenho e escrita. O segundo, imaginar o movimento da planta para chegar a ter aquela forma e aquele que parece sugerir para o futuro, expresso num gesto com o corpo. O terceiro, perceber a relação da planta com o entorno e quais sentimentos desperta em cada pessoa. Por fim, escrever um breve poema, palavras, uma síntese que revelasse a essência.



Ilustrações 8 e 9. Exercícios de Percepção, 2019.

Cada grupo apresentou sua planta para o outro. Qual não foi nossa surpresa ao perceber que ambos escolhemos a mesma planta! Os grupos escolheram diferentes espécies de bromélias. O que esta planta nos disse?

Conforme fomos descrevendo, a bromélia foi se refazendo em minha, ou nossa, imaginação. Perceber a planta que se ergue sobre rocha, com raízes expostas, interligadas com outras da mesma espécie, como família, mãe e filha ou irmãs, comunidade que se coloca como taças, bebedouros, doadora de vida, disse algo especial para cada um de nós. A coincidência da bromélia disse muito ao grupo. Algumas pessoas se emocionaram. Caminhamos de volta.



Ilustração 10. Finalização do evento.

43



FIK 2020 - UDESC - Jardim de Percepções - Proposta experimental de exposição: as pessoas são convidadas a elaborar observações de uma planta com desenho, aquarela e escrita.



Arco-íris - encontro de pais Waldorf - 26 de outubro 2019 - Florianópolis



Arco-íris - módulo ecopsicologia - 15 e 16 de fevereiro 2020 - Pardês - Florianópolis

De como olhar *o-m e s m o-s e m p r e*

“Outro sistema seria falar-lhe olhando para o mar,
como um louco contemplativo e simplório.”
(Adolfo Bioy Casares)

O “outro sistema” de Bioy Casares é o litoral por onde navega a pintura de Daniela Vicentini. Que conduz desde o ponto de vista de quem olha em direção ao mar, de quem estando em terra vislumbra o oceano. Se o mar suscita a contemplação de um louco simplório é porque, talvez, ele seja avesso à complexidade simbólica.

No oceano há, aparentemente, algo de *sempre-o-mesmo*, de vastidão homogênea, de monotonia ritmada. As aquarelas e feltragens de Daniela Vicentini nos mostram, contudo, que rasas são apenas as bordas e que profunda é a experiência de se olhar *o-mesmo-sempre*. No caso dela, geograficamente, *o-mesmo-sempre* é a praia do Campeche, paisagem austral a estibordo da jangada Ilha de Santa Catarina.

Ao invés do instinto pragmático, por exemplo, do pescador, Daniela Vicentini se entrega, primeiro, à inércia. É somente quando cessa a ação (instante esse tão caro aos grandes observadores e... caçadores) e suspende a propensão desejante do espírito (movimento interno próximo à meditação) que a artista se torna parte da paisagem e assim pode pronunciá-la.

Dizer através da pintura. De uma pintura que traz em seu fazer o vestígio do úmido, do molhado. Tanto a aquarela quanto a feltragem são técnicas que precisam da água para a sua realização. A presença dos feltros nesta exposição é um dos índices da sofisticação de seu pensamento plástico sobre o mar. A pintura aplicada sobre eles permite-lhe avançar no espaço, sem deixar de lado a leveza da aquarela.

Ter os olhos vidrados no horizonte líquido me faz lembrar os versos do poeta italiano: “Muito mar. Nossos olhos já viram bastante de mar” (Cesare Pavese).

Daniela Vicentini é doutoranda na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos, no programa de pós-graduação da UDESC, desde 2019, sob orientação da professora Dra. Silvana Barbosa Macêdo. Formou-se em bacharelado em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP, 1995); fez mestrado em História Social da Cultura, na PUC-Rio, em 2000. De 2001 a 2005, lecionou na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e na UniBrasil, em Curitiba. Em 2006, foi uma das vencedoras do prêmio editorial Iberê Camargo, publicou "Tríptico à Iberê" (Cosac Naify, 2010), em coautoria com Fernando Burjato, "Arte brasileira nos acervos de Curitiba" (Segesta, 2010), "Presença de Alice" sobre a obra de Alice Yamamura (edição do autor Gerson Carvalho, 2016). Em 2014, realizou a exposição individual, *Ma r*, no Centro Cultural Badesc, em Florianópolis; e, em 2015, *Vai vem ver*, no Museu da Gravura, em Curitiba. Em 2009 e 2010, realizou o Treinamento em Goetheanismo; de 2014 a 2019, concluiu a formação em Terapia Artística Antroposófica, ambos na Associação Sagres, Florianópolis. Participa do Grupo de Pesquisa "Articulações Poéticas", investiga conceitos de natureza e tem realizado proposições artísticas com caminhadas, processos colaborativos, aquarela, escrita e deslocamentos entre práticas da terapia artística e a arte contemporânea.

www.danielavicentini.com.br

[e-mail: vicentinidan@gmail.com](mailto:vicentinidan@gmail.com)

fone: 55.48.991673934